

# EXÍLIO

ANDRÉ CARAMURU AUBERT



Rio de Janeiro, 2024

# 1

Santo Agostinho escreveu, nas *Confissões*, que todos nascemos espremidos entre as fezes e a urina. É uma frase bastante citada. E, para a maioria das pessoas, obviamente muito mais do que apenas correta do ponto de vista fisiológico. Mas, limitado como sou, só fui compreender seu significado há relativamente pouco tempo, quando comecei a pesquisar e escrever as notas para este livro. Para começar, essa frase diz muito a respeito de como Agostinho pensava e, sobretudo, de como todos nós, ocidentais, profundamente influenciados, de maneira direta e indireta, por formuladores da doutrina cristã, pensamos. Nascer entre as fezes e a urina é uma das maneiras de se dizer que existe uma separação absoluta entre alma (potencialmente pura) e corpo (fatalmente sujo). E é também uma das muitas maneiras de se reafirmar o pecado original. Mesmo que não sejamos cristãos, ou sequer religiosos, somos marcados por essa dualidade corpo/alma e pela tendência de ver o corpo como agente e receptáculo de tudo o que é impuro. De onde veio isso? Claro que não há uma única fonte, nunca há, mas sem dúvidas, uma das mais importantes é Agostinho e, para ele, isso provém de duas matrizes primordiais: a primeira, o neoplatonismo, com sua idealização do espírito em oposição à matéria; a segunda, o maniqueísmo, a seita fundada pelo filósofo persa

Mani, da qual Agostinho, na juventude, foi discípulo (mas, de cujos seguidores, mais tarde se afastaria). Ainda que desaparecido há muito tempo, o maniqueísmo teve enorme influência no mundo ocidental por cerca de mil e duzentos anos, e seus ecos ainda reverberam em nós.

Eu pensava nessas coisas enquanto lia e fazia as anotações que, quem sabe, um dia se tornarão livro. Mas, se o tal livro vier a se tornar realidade, devo dizer desde já que não terá nascido com Agostinho, nem será sobre ele. Será um livro, como muitos, com mais de uma origem, mas cuja inspiração inicial veio de histórias que meu pai me contava a respeito de um amigo dele, André Giraud, que não cheguei a conhecer. O tempo passou, eu cresci, estudei história, entrei na vida adulta, comecei a trabalhar como jornalista e roteirista, meu pai morreu, mas durante todo esse tempo, Giraud, suas histórias, a imagem que eu construía dele, foram e voltaram, sem jamais me abandonar, até que, num certo ponto, parece que houve um clique, e me dei conta de que ali havia uma excelente matéria-prima para um livro, ou roteiro, e que em algum momento, mais cedo ou mais tarde, eu precisaria atacar aquele tema e fazer alguma coisa com ele.

Mas o tempo, que eternamente teima em não parar, foi me enredando em demandas urgentes e mais urgentes, uma se enroscando na outra, de modo que o projeto do livro inspirado na vida de André Giraud acabou como uma sempre adiada intenção. Até que, num determinado momento, uma sucessão de acasos praticamente me impôs a tarefa de começar um texto que, por conta disso, passou a ser *também*, mas não apenas, sobre o amigo de meu pai. Texto que, confesso, estou com

enorme dificuldade em concluir, uma vez que, como se verá, são muitos os temas interligados, pois cada fio que puxei foi levando a outros, e no fim das contas acabou-se por gerar desdobramentos que foram muito além da (polêmica) persona de André Giraud. Se na minha infância e adolescência ele era uma figura quase mítica em razão das histórias de meu pai, com o tempo Giraud ganhou contornos mais complexos, inclusive com uma condição que não deixa de ser curiosa: uma pessoa que parecia ser essencialmente boa, corajosa e com alguma cultura, conseguiu a proeza de passar a vida toda sempre do lado errado das coisas.

Se os parágrafos acima mais confundem do que esclarecem, peço mais um pouco de paciência a quem chegou até aqui. As páginas adiante tentarão explicar melhor o que pretendo. Por ora, com o intuito de achar um pouco constrangedor convidar o leitor a embarcar, completamente às cegas, num relato com introdução tão confusa, adianto apenas que a sucessão de temas que me levaram a este livro foi mais ou menos a seguinte: meu pai me levou a André Giraud, este me levou à Argélia, à questão dos exilados (tão concreta e determinante para André Giraud, tão atual hoje) e à aviação (e aos crimes) do garimpo na Amazônia. O acaso me levou a duas cidades chamadas Mazagão (uma de cada lado do Atlântico) e também a Sofia, que me levou de volta a Giraud (e à aviação, e aos crimes do garimpo). Minha vida me levou a Pedrão Preto, que acabou por me esclarecer pontos importantes a respeito de Giraud (e da aviação do garimpo) e me ajudou a me reconciliar com a memória de meu pai e, talvez, com Sofia.

Como se pode facilmente concluir, isso já seria muita coisa para tratar num único livro, mas o problema se agravou, para mim, quando Sofia entrou na história, desequilibrando toda a minha vida emocional. Às vezes, diferentemente de Santo Agostinho, eu penso que não apenas nasci entre as fezes e a urina, mas que minha vida, em grande parte, continuou e continua sempre a seguir por ali, espremida, naqueles poucos e úmidos centímetros entre o ânus e a vagina.

Hoje, dia 4 de novembro de 2019, enquanto escrevo estas linhas, minha questão com Sofia permanece por se resolver. E não tenho a menor possibilidade de saber como é que estará no dia em que eu colocar um ponto final nestas anotações que pretendo que cheguem a constituir, um dia, um livro.



*Argel, Praça da República*

Meu relacionamento com meu pai sempre foi complicado. Mesmo em seus últimos meses de vida, durante um verão especialmente quente e abafado em que ele morou (e morreu) na minha casa, com todas as dificuldades, angústias e tensões inevitáveis típicas de um quadro de doença terminal, quando — paradoxalmente — estivemos mais próximos do que jamais estivéramos antes, a relação permaneceu difícil. Ele, que sempre foi uma pessoa complicada, não haveria de mudar, para melhor, é óbvio, estando naquele estado; e, do meu lado, havia muita mágoa acumulada, algo que só a passagem dos anos (um bom tempo após sua morte), consegui amenizar e, mais tarde, até eliminar. Por outro lado, devo admitir que naquela época, e mesmo em tempos anteriores à doença, ainda que com todos os problemas, houve bons momentos. Eu amava meu pai, e sei que, mesmo com seu jeito atrapalhado, ele sentia o mesmo por mim. Sim, a verdade é que gostávamos muito um do outro. Mas isso é algo que só consegui admitir, lamentavelmente, quando já era tarde.

Alguns dos bons momentos de nosso convívio aconteciam quando ele contava suas histórias antigas, de quando era criança e adolescente, na Inglaterra (antes da Segunda Guerra), na

Suíça (durante a Guerra), das viagens de bicicleta pela Europa e escaladas de montanhas na Itália (logo depois da Guerra), dos primeiros anos de casado em Ubatuba, de Washington, nos Estados Unidos, dos nazistas que ele conheceu e com quem foi obrigado a conviver quando trabalhou na Volkswagen do Brasil e, que é o que interessa nestas anotações, de sua expedição ao Mato Grosso (na região do atual Mato Grosso do Sul), em 1956, contratado para fazer parte de um projeto destinado a mapear a navegabilidade do rio Pardo. O que se pretendia, naquela viagem, era avaliar a viabilidade de uma hipotética hidrovía entre o rio Paraná e os arredores de Campo Grande.

Foi nessa expedição, de mais de quatrocentos quilômetros por uma região selvagem, que meu pai conheceu e ficou amigo de André Giraud. Nascido na Argélia francesa, veterano das guerras de independência argelina e marroquina, Giraud, naquela expedição no rio Pardo, viria a ser o chefe de meu pai em uma das três equipes que compunham a empreitada. Eles se conheceram em Presidente Epitácio, durante o período de preparação da viagem, quando lidavam com as tarefas de compra de suprimentos, contratação de peões e estudos detalhados dos mapas disponíveis, e ficaram realmente amigos durante os meses seguintes, em que compartilharam os perrengues diurnos e as noites estreladas da expedição.

Giraud era mais velho que meu pai e, veterano de guerra, muito mais experiente em situações críticas. Uma das imagens que construí dele, a partir das histórias que ouvi, era do tenente Descourt, o oficial francês que comanda um posto militar

avанçado no Saara, no álbum de Tintim *O Caranguejo das Tenazes de Ouro*. Isso porque, nas guerras de independência norte-africanas, Giraud serviu como tenente no 2º regimento dos Spahis do Marrocos. Aquela tropa de cavalaria ligeira (da qual uma derradeira unidade, o 1º regimento, ainda está ativa na França, tendo inclusive lutado há pouco tempo no Iraque, na guerra de Bush) era em boa parte composta por soldados nativos (os oficiais, obviamente, eram todos brancos). Os Spahis usavam uniformes com capas vermelhas que, para alguém da minha geração, só poderiam mesmo ter saído de uma história desenhada por Hergé.

Apesar da diferença de idade e de experiência de vida, a empatia sentida entre meu pai e Giraud foi imediata (e duradoura). Depois da expedição no Mato Grosso, meu pai foi morar primeiro em Ubatuba, depois em São Paulo, enquanto Giraud ficou pipocando de canto em canto, sem se fixar por muito tempo em lugar algum. Nos anos e décadas seguintes, mesmo raramente se encontrando, os dois nunca deixaram de trocar cartas e se falar ao telefone.

E por que essa empatia? Quanto a isso, só posso especular. Meu palpite é que, além de falarem francês (a língua materna de ambos) num país estranho — e, dentro desse país, numa região remota e selvagem —, e daqueles mecanismos inexplicáveis que fazem com que simpatizemos com algumas pessoas, e não com outras, os dois compartilhavam — ainda que com pesos e significados distintos — um forte sentimento de exílio, algo que costuma criar fortes laços de solidariedade entre os que por isso passam.



Margem esquerda do rio Branco (acho), 25 de setembro de 1997, 17h.

Acabou de parar a chuva. Não sei como estou vivo, como consegui, bem ou mal, pousar. Tenho muita sorte, sempre tive!

Quer dizer, pouso, propriamente dito, não foi. Foi mais uma queda com algum controle. E aqui estou, com o corpo dolorido e o pé direito machucado, mas vivo. Meu passageiro, coitado, não teve a mesma sorte. Aliás, deu azar mesmo. Um galho atravessou o vidro da frente da carlinga e se enterrou feito uma lança no pescoço dele. Zé Maranhão, meu amigo, meus sentimentos. Você era um sujeito decente, garimpeiro honesto, bom pagador, leal. Violento às vezes, mas nunca injusto. De novo: meus sentimentos.

Deu tudo errado. Assim que decolamos do garimpo com destino a São Félix, o tempo fechou. Uns quinze ou vinte minutos de voo, vinte e cinco no máximo. Eu não via quase nada mais, alinhei o nariz pra baixo, pra tentar seguir o curso do Branco, mas estava difícil. Vento, chuva, o avião balançava, di-

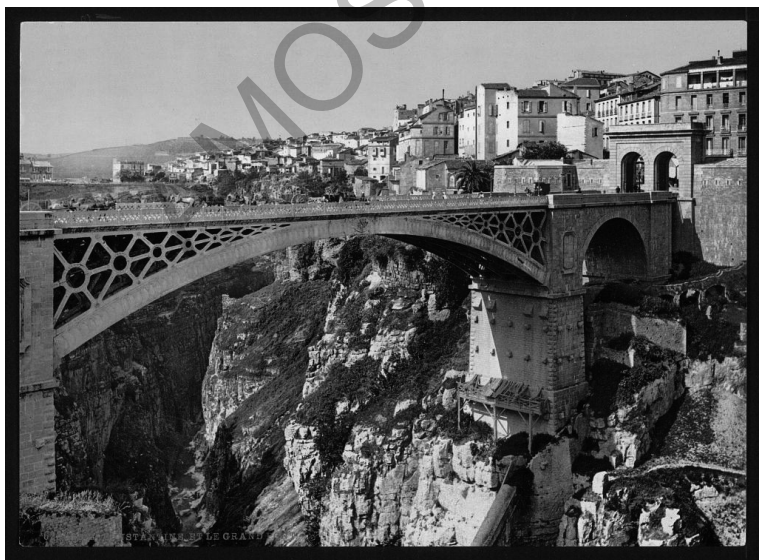
fácil de controlar. E pesado, com o ouro, as ferramentas e uma bomba d'água do Zé Maranhão. Eu falei pra ele que era muito peso, mas ele insistiu, ia pagar bem, a gente que é piloto acaba cedendo. Eu não devia, mas cedi. Eu já estava querendo parar, mesmo. Era pra ser um dos meus últimos voos para o garimpo.

E aí aquele vento, as nuvens baixas, a chuva, a visibilidade péssima. Voei por um bom tempo só no instinto de piloto, não via nada. E aí, de repente, o motor deu uma tossida, e eu voando baixo, pra piorar peguei uma tesoura de vento, a asa adernou pra a esquerda, eu não tinha margem de manobra pra retomar altitude, só consegui alinhar um pouco e apontar pra uma praia que, se abrindo na neblina, surgiu à minha frente. E aí foi chão. O avião quicou, soltou um guincho, raspou numa pedra, subiu de novo, voltou a descer, já se enfiando no mato, foi entrando, chacoalhando, até que parou. Na frente e nos lados era só água, galho e folha. Olhei para o lado e lá estava o Zé Maranhão com o galho, que passou pelo vidro da frente, enterrado no pescoço. Coitado. Podia ter sido eu. O resto dele, o corpo, intacto, ainda com o cinto de segurança, nem um arranhão.

Apesar das dores que estou sentindo, consegui tirar do avião o corpo do Zé, e o arrastei até o rio, para o próprio rio levar — jacaré come, piranha come, algum bicho come. Não iria conseguir sepultá-lo, e se deixasse aqui logo ia começar a feder e atrair coisa ruim. Não sou religioso, mas fiz uma oração antes de empurrar o corpo pra dentro da água. O Zé Maranhão era católico. Tinha uma companheira em Belém do Pará. Quando sair daqui, pelo menos o ouro que ele estava levando, eu dou um jeito de entregar pra ela.

Aparentemente, fora as dores no corpo e o pé que está ruim, nenhum ferimento sério. Não tenho barraca, mas improvisei uma com uma lona que tirei do avião. Pelo menos protege da chuva. O rádio já era. Totalmente destruído. Tenho água, um pouco de comida, carne de caça salgada com arroz que me deram no acampamento. E tenho arma, se o pé melhorar acho que consigo caçar. Sobrevivo com o que tenho por alguns dias, uma semana ou mais. Acho que não vão demorar tudo isso pra me encontrar, pois todo mundo sabia que eu ia viajar no visual do rio Branco e depois seguir pelo Feio até São Félix.

Assim que melhorar o tempo, e tiverem certeza que fiquei pelo caminho, eles começam as buscas. Vai dar tudo certo.



*A ponte de Constantine, Argélia*

Apreendi com o tempo que, para quem nunca viveu pessoalmente a experiência do exílio, é impossível compreender, de fato, o impacto que causa em quem passou por ela. A extensão da dor é indescritível. E há a persistência de uma melancolia que parece se mesclar à identidade do exilado, ainda mais se o exílio se torna definitivo, e fica pior, acredito, se o exílio for causado por um evento socialmente aplaudido — como se passou, por exemplo, com exilados das revoluções russa, cubana e também os da guerra de independência argelina. Este último foi o caso de André Giraud, o amigo de meu pai, um argelino de origem francesa (aos quais se dava o nome de *pieds noirs*). Quando isso ocorre (o “evento socialmente aplaudido” ao qual me referi), o exilado, mesmo que pobre e despossuído, não recebe qualquer tipo de solidariedade ou compreensão por parte das pessoas em volta.

Assim como aconteceu com a Revolução Cubana, mais ou menos na mesma época, a guerra de independência argelina era vista com simpatia pela maioria das pessoas razoáveis. Naqueles dias, quase todo o mundo a considerava uma guerra justa, desde o governo norte-americano, em Washington, até a imensa

maioria da intelectualidade francesa (com Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir à frente). Assim, os *pieds noirs*, uma vez expulsos de sua terra natal africana, não podiam contar com praticamente nenhuma solidariedade, nem mesmo da direita francesa, até pouco antes sua maior base de apoio fora da Argélia, que a partir de um determinado ponto passou a considerá-los terroristas (deram não poucos motivos para isso) e, sendo meio franceses e meio africanos, tidos por eles (da direita), como cidadãos de segunda classe.

O fato é que, se havia *pieds noirs* com dinheiro, exportadores, industriais, donos de grandes vinícolas, ou mesmo profissionais liberais de classe média alta, e havia também aqueles instalados em confortáveis posições burocráticas, que por mais de cem anos se aproveitaram do domínio colonial (e da mão de obra nativa barata), a verdade é que a grande maioria dos colonos era composta por pessoas pobres, descendentes de franceses, espanhóis e de outros povos mediterrâneos, que imigraram para a Argélia com o único intuito de sobreviver, e continuaram pobres em seu destino, eles e seus descendentes. Eram operários, motorneiros, motoristas, marinheiros, garçons, professores primários, zeladores, tanoeiros, marceneiros, pequenos agricultores, contadores, farmacêuticos, policiais. Estes viriam a ser — quando a Argélia finalmente conquistou sua independência em 1962, e se tornou uma “república árabe” —, os verdadeiros exilados. Aliás, pensando nisso, me ocorreu que aqui está um dos grandes erros de Marx: ao considerar o capital como nacional (ou nacionalista) e o trabalho como internacional, ele simplesmente inverteu as coisas, pois o trabalho (sem capital) é

preso ao lugar onde se mora, ao passo que o capital viaja com enorme facilidade. Enfim, a verdade é que, com um número próximo a um milhão de pessoas, a população de exilados franceses pobres nascidos na Argélia não era, nem de longe, demograficamente desprezível. Isso sem falar nos também exilados judeus argelinos, cerca de 2% da população do país, alguns de famílias que estavam lá desde o Império Romano, e a maior parte descendentes de sefarditas portugueses e espanhóis expulsos da Península Ibérica nos séculos XV e XVI. Nesse caso, os destinos preferenciais dos exilados acabaram sendo a própria França e, também, Israel.

André Giraud pertencia a uma daquelas famílias *pieds noirs* pobres, assim como seu compatriota Albert Camus, a mais célebre voz (mas nem de longe a mais popular) da comunidade franco-argelina, cuja obra passei a reler com outros olhos quando iniciei este projeto. Seria natural que, ao começar a mergulhar nos temas “Giraud” e “Argélia”, eu procurasse ler tudo o que pudesse lançar alguma luz sobre eles. Daí voltar a Santo Agostinho (um “argelino” romano) e passar por inúmeros relatos de veteranos de guerra, de exilados e assim por diante. Mas nenhum dos autores que li me instigou tanto (e fez um contraponto tão interessante com André Giraud) do que Albert Camus (e, a estes dois, Frantz Fanon). Não que Giraud e Camus fossem parecidos ou compartilhassem opiniões, muito pelo contrário. Camus, ainda que “homem de ação” na Resistência Francesa durante a guerra, era essencialmente um intelectual. Giraud, ao contrário, ainda que letrado (conhecia Agostinho, conhecia Camus), era essencialmente um cidadão simples,

soldado por acaso, e muito longe de ser um intelectual. O que importa é que, com sua obra, Camus me ajudou a entender Giraud. E este, com sua vida, me ajudou a reler Camus.

Embora tenha morrido dois anos antes da independência argelina, Camus viveu intensamente as questões que marcaram os anos finais do domínio francês sobre o norte da África, e que escalaram, nos estertores do processo, em embates cada vez mais radicais. E com “radicais” me refiro tanto ao debate ideológico como ao combate armado propriamente dito. No caso de Camus, a angústia com a situação foi amplamente documentada em seus escritos. Ele amava a Argélia, sofrendo sempre que precisava deixar sua terra natal, mesmo que fosse apenas para atravessar o Mediterrâneo e ir, logo ali, à França. Em suas cartas e ensaios, são inúmeras as referências ao sol e à luz do céu argelino e ao quanto era feliz quando estava naquele país. Quando todos, inclusive seus antigos companheiros de Resistência Francesa contra o nazismo, começaram a dizer (berrar seria um termo mais apropriado) que Camus era um estrangeiro em sua própria terra, um invasor, um colonialista, um imperialista, e que o futuro reservava a ele nada mais do que o embarque em algum navio no porto de Argel, para longe e para sempre de sua terra natal, ele se desesperou. A partir daí, Camus defenderia enfaticamente, em todos os palanques, palcos e megafones que estivessem ao seu alcance, a tese — que se mostraria, no fim das contas, irreal — de que uma Argélia, independente, democrática e laica, deveria ser capaz de abrigar todos os seus filhos, fossem eles árabes, cristãos ou judeus. Longe de ser um intelectual, Giraud leu melhor aquele contexto e,